

# SABERES NÓMADAS

CONHECIMENTO, PATRIMÓNIO E VALORES SOCIAIS



Eduardo Esperança

## SABERES NÓMADAS

CONHECIMENTO, PATRIMÓNIO E VALORES SOCIAIS



Edições Colibri

*Biblioteca Nacional de Portugal*  
– *Catálogo na Publicação*

**Título:** Saberes Nómadas. Conhecimento, património e valores sociais

**Autor:** Eduardo Esperança

**Editor:** Fernando Mão de Ferro

**Capa:** ??????????

**Depósito legal n.º**

Lisboa, Dezembro de 2017

## ÍNDICE

Apresentação .....	7
Saberes Nómadas e modelos de legitimação do conhecimento .....	13
O mapeamento possível no mundo dos possíveis .....	37
A Pesquisa e o Problema da Representação .....	43
Investigar a Experiência Social .....	65
Memória e substâncias do Património – arquivar imagens em movimento .....	79
O Património intangível e os dilemas em volta de clássicos e novos modelos de preservação .....	147
Objectos de Memória .....	155
Objectos Indutores e Formação do Valor – o caso Foz Côa .....	169



## APRESENTAÇÃO

“Saberes nómadas” foi a expressão que me ocorreu para nomear este trabalho muito depois dele se ter chamado “migrações do saber”. Na altura, e após um sério trabalho em volta do Património, Valores e seus condicionamentos, a navegação das leituras no intervalo das aulas empurrava-me para duas galáxias que se fertilizavam e podia ir observando com algum fascínio; o início da expansão da internet e dos conteúdos *online* e, ao mesmo tempo, como resultado, o sonho Borgeano tornado realidade do nascimento da grande biblioteca global. Esse sonho concretizado arrastava com ele algumas temáticas inadiáveis e que me atravessavam o espírito todos os dias sempre que me sentava ao computador e acedia a essa “biblioteca”. Isto explica um pouco estas duas vertentes, que parecem mas não são paralelas: de um lado o pensar a Cultura ao mesmo tempo como grande objecto sociológico com todos os factores e vertentes que nos explodem na cara com a introdução de novos *gadgets* e modos de pensar mobilizados pelo objecto concreto como pelo *software* que o energiza; por outro, ensaiar alguma capacidade de recuo e análise dos substratos que podem ainda suportar os quotidianos da vida no espaço público, como aquilo que ainda podemos nomear como reserva de conhecimento que se vai disseminando com a ajuda da rede um pouco por todo o lado.

À semelhança dos longínquos eventos da renascença que viram nascer a imprensa no Ocidente, o nascimento da Web no virar do milénio trouxe alterações e modelos de fazer e pensar inimagináveis pouco tempo antes. Ocorre-me frequentemente ter de mostrar aos meus alunos mais jovens como era o trabalho de investigação antes do Google e da Web, frente a uma estante com livros e muitos papéis em cima da mesa; deslocações infundáveis às bibliotecas onde se poderia encontrar tal documento ou livro, e o prazer, que entretanto desapareceu, de fazer uma viagem de dois ou três mil quilómetros, a Paris ou a Londres para encontrar um livro, uma edição, uma biblioteca e voltar com a sensação de ter acrescentado uns metros ou um nó ao novelo do

conhecimento, que depois melhor se poderia disponibilizar *online* como nas aulas.

O mundo dos possíveis e dos saberes possíveis, que forma os campos de legitimação dos saberes, é precisamente o espaço cada vez mais virtual onde se decide a se actualiza o que está direito e o que está torto em alguma da ciência ortopédica.

O que é que isto tem a ver com o mundo dos possíveis?

É que cada vez mais, na experiência contemporânea, as condições de possibilidade dos objectos são orientadas pelos campos e formas da sua legitimação. O que é que isto quer dizer? Quer dizer que há muitos objectos que, mesmo existindo substancialmente em termos materiais, por não terem acesso ao espaço público a às suas condições de legitimação que hoje são dominantes, não podem aceder às contemporâneas condições de existência social. Não aparecem, logo não existem. Aqui me vou igualmente questionando acerca disto.

Por uma ordem que não é a da cronologia em que os artigos apareceram a público, são neste livro constantes alguns eixos e conceitos que se foram tornando residentes no meu modo de pensar os diversos objectos com que me ía defrontando. Reconstruindo essa ordem no tempo, do tempo em que colaborava com a Cinemateca Portuguesa e pelas circunstâncias da altura fui desafiado pelo Eng<sup>o</sup> José Manuel Costa a pensar o arquivo de filmes, nessa altura em projecto, essencialmente do ponto de vista da sua justificação. Havia um problema: a generalidade dos países europeus suportavam há anos arquivos e laboratórios razoavelmente bem apetrechados para a recuperação e manutenção dos filmes da sua e outras cinematografias. À semelhança do que ainda hoje acontece, os governos da altura estavam dispostos a financiar um “Museu do Cinema”; dava para inaugurar, para mostrar, e tinha visibilidade suficiente para alguém no espaço político lhe chamar obra sua. Um arquivo de filmes é, na prática, um laboratório de rectaguarda, não tem essa visibilidade explorável politicamente. Por isto, poderia valer a pena arranjar mais alguns argumentos para justificar a existência do que, depois, se veio a chamar “ANIM – Arquivo Nacional de Imagens em Movimento”. O texto aqui presente – «Memória e substâncias do Património – arquivar imagens em movimento» é um extracto desse ensaio de suporte para o ANIM, pelas razões que acima descrevi. Quando defrontado com a arguência desse texto, essencialmente técnico e orientado para a Ontologia do Arquivo, João Bénard da Costa sentiu-se, no mínimo, um pouco incomodado. Ele era um cinéfilo hiper-envolvido nas cinematografias e realiza-



dores que mais prezava; presumo que esperava a discussão acerca de algum enredo ou modo de filmar de alguns realizadores, as paixões em volta de certas cinematografias como justificação para a criação de um arquivo de filmes que desse à Cinemateca Portuguesa o suporte material necessário à sua manutenção como guardadora dos filmes portugueses e outros. Nada disso ali aparecia, e boa parte dos autores citados lhe eram desconhecidos. Só me apercebi disso, que agora recorde, no momento da sua arguição e, pelo respeito que lhe tinha mas, igualmente, pela caridade interpretativa que lhe conhecia, o meu incómodo foi relativo, e a sua arguência decorreu sem sobressaltos e com o recurso imagético a algumas cenas de filme que utilizou como recurso para argumentar. Ficou-me na memória, dessa ocorrência e de outras, dentro e fora da Cinemateca, a imagem de uma geração que amou o cinema como se ama uma mulher de quem se gosta muito; uma geração em vias de extinção.

Pouco tempo depois, com o trabalho no Departamento de Sociologia da Universidade de Évora e a necessidade de progredir na carreira, deparei-me com a necessidade de encontrar uma temática em que me sentisse minimamente envolvido e que oferecesse algum contributo à instituição que me acolhera na cidade que há não muito tempo havia sido promovida ao gabarito do Património Mundial. Ao contrário da generalidade dos investigadores que partem de uma abordagem abrangente e nebulosa e vão reduzindo o foco até se concentrarem num objecto concreto que exploram à exaustão, eu partira de um objecto relativamente concreto – o arquivo de filmes – e ía agora estatelar-me na “nuvem” do Património, a pensar não a partir de um objecto concreto, mas de um quadro disciplinar e heurístico que satisfizesse o questionamento ao conceito a partir dos quadros discursivos acerca do Património, das práticas envolvidas e, em geral, dos modelos de agenciamento dos objectos patrimoniais, fosse a partir dos media, fosse no seio de outros campos sociais que estes atravessam. Acho que fiz isso, em 1995, e o resultado foi um texto de 790 páginas, com imensas notas de rodapé numa altura em que não era proibido utilizar notas de rodapé, intitulado «Património, Comunicação, Políticas e Práticas Culturais». Este trabalho, além de me dar acesso à carreira docente, permitiu-me acrescentar às várias disciplinas que leccionava, a Sociologia do Património Cultural, que só anos depois me apercebi, neste âmbito, havia sido a primeira a ser criada no país. É óbvio que esse trabalho não aparece aqui, mas falo dele porque aparecem títulos que se constituem como sua repercussão, são eles:

- O Património intangível e os dilemas em volta de clássicos e novos modelos de preservação;
- Objectos da Memória;
- Objectos Indutores e formação do Valor – o caso Foz Côa.

Dois eixos aqui me ocupam mais que outros:

- O património imaterial e a percepção que dele vão tendo as instituições e os agentes que é suposto dele cuidarem;
- Os investimentos simbólicos, afectivos, e os resultantes quadros semióticos desses investimentos. Os quadros interpretativos que entretanto emergem de várias origens e indexam os objectos a formas orientadas de agenciamento, obrigando-nos a questionarmo-nos acerca dessas orientações;
- O quadro axiológico resultante desses agenciamentos, as diversas formas de indução de valor e indexação simbólica, sempre observando exemplos e imagens concretas de casos, como é aqui o caso das imagens de Foz Côa.

Referi a generalidade dos títulos aqui presentes e as ideias que se foram estabilizando nestas abordagens, assim como a sua génese e justificação.

Por último, nos títulos “A Pesquisa e o Problema da Representação”, assim como “Investigar a Experiência Social”, que mais parecem títulos de um manual de metodologias, eles estão aqui a cruzar esses dois conceitos caros à minha formação que são os de “experiência” e de “representação”, de abordagem frequente em filósofos de Kant a Shoppenhauer, e menos frequente no campo da sociologia. O poderoso modelo de aplicação em que se constitui a “representação da experiência” e que, a meu ver, deveria envolver mais tanto sociólogos como outros agentes no vasto campo das Ciências Sociais, é frequentemente negligenciado e trocado por pequenos modelos dogmáticos e prontos a servir, apenas porque podem garantir aceitação do trabalho num determinado espaço ou tempo. Um dos primeiros problemas com que nos defrontamos quando iniciamos qualquer tipo de investigação mais profunda, prende-se com os **processos e modos de representação** a vários níveis. Se aqui abordo este problema da representação, é porque o observo como razoavelmente negligenciado na maior parte das áreas em que se produz investigação sociológica, para já não falar de outros campos do saber. Pensar o problema da representação é para o investigador o mesmo que, para o homem que respira pensar o

problema do ar e da oxigenação. Por um lado, este é tão presente e transparente que quase sempre se esquece. Por outro, quando a sua presença sobe à reflexão.... pode tornar-se um caso sério. A primeira questão de partida que se pode fazer, passa por perguntar "o que é representar", e "o que envolve a acção de representação".

Observo com tristeza, na generalidade das Ciências Sociais, em particular no campo da Sociologia, este estado de graça do “não pensar, não questionar” característicos de uma altíssima percentagem de trabalhos que, frequentemente, acabam premiados. Mais, o problema da representação emerge todos os dias no meu trabalho, por oposição, sempre que me defronto com discursos pré-configurados sobre a materialidade disto e daquilo, aferições e métricas de performance, referências a entidades e corpos altamente complexos como se de pedras atómicamente homogéneas se tratasse. Seria bom que esse problema da representação que me é tão caro, o fosse por outros motivos que não a necessidade permanente de lembrar quem disso não haveria de ser lembrado, de que trabalhamos com representações, nada mais que representações e que, para nos intitularmos bons investigadores, seria bom, à semelhança do bom cirurgião, que dominássemos com perícia as ferramentas que podem legitimar epistemologicamente os nossos modos de representar.

Na apresentação deste livro tentei expor a génese pessoal das temáticas que aqui aparecem, assim como a justificação que se me oferece como mais razoável, já que este seria um modo de introduzir o leitor às conexões que ligam estes artigos, tanto a nível reflexivo como pessoal. Deixo ao leitor o trabalho crítico paralelo à leitura, tal como o acompanhamento das referências que vão aparecendo, se for caso disso.



## **SABERES NÓMADAS E MODELOS DE LEGITIMAÇÃO DO CONHECIMENTO\***

Aquilo que vou aqui abordar diz respeito ao modo como podemos observar os processos de estruturação dos valores segundo vários eixos; como esses eixos se constituem como charneira central que determina a necessidade e o tipo de comunicação que se activa. Como a acção comunicacional envolvendo a generalidade das relações sociais e institucionais se metamorfoseia, transformando-se segundo um processo mais ou menos aleatório de estruturação axial que vai ao mesmo tempo criando uma topologia dinâmica de relação entre sujeito e objecto, objecto e objecto, sujeito e sujeito.

Como as circunstâncias que envolvem a presença de novas mediações tecnológicas, auxiliares do processo de transformação axiológica, forçam a emergência de novos modelos de presença e representação: por exemplo, sequência e causalidade, substituídas por campo de acção; sujeito e objecto substituídos por nó e rede; estrutura e função por processo e devir, etc. Como, afinal, esse processo de estruturação dinâmica afecta a generalidade dos saberes constituídos, forçando-os a uma migração permanente em busca de paradigmas e dimensões novos mas consensuais, mesmo que utilizando elementos constituintes do paradigma anterior.

Como essa migração de saberes deixa por vezes confusas as mentes mais estáticas, e como a escola e a universidade estão condenadas, no quadro actual, a um permanente atraso relativamente à vanguarda de actualização desses saberes.

Como, enfim, o investigador (avanzado....) deve ser capaz de conceber o novo quadro que configure esta dinâmica e possa, no mínimo, retratar momentaneamente a sua actualização.

---

\* Texto síntese extraído da “Lição” das provas de Agregação do autor em Sociologia da Cultura e da Comunicação, na sala de actos do Colégio do Espírito Santo da Universidade de Évora em Julho de 2002.

Não se trata aqui, para já, de levar a cabo uma análise profunda a um objecto de estudo e subsequente crítica. Trata-se, no seu sentido mais expositivo, de oferecer uma panorâmica da abordagem possível a objectos contemporâneos que de algum modo se destacam pelo seu envolvimento nas problemáticas da actualidade. Isto, segundo perspectivas que tento conciliar nem sempre com facilidade, encontrando os seus pontos charneira comuns, e que aqui passam pelo valor, emergência axial dos objectos e, essencialmente, os modos de constituição dos olhares que lhes conferem valor.

### **Porquê os valores?**

Aquilo que queria destacar ocorre na sequência do trabalho que fiz sobre o património e, em particular, a análise da emergência e turbulência dos valores que situam precisamente a emergência do património como valor.

A noção de valor ou hierarquia de valores, tanto no senso comum como em algumas áreas do saber que vão da filosofia à sociologia passando pela economia, está indexada a um sentido relativamente circunscrito que limita a sua abrangência ao estar virtuoso, moral ou ético.

O modo como aqui observo os cenários em que é possível recortar a emergência do valor é bem mais abrangente, e envolve diversas morfologias axiais inerentes às esferas em que estas são moldadas e produzidas. Numa sociedade ainda eminentemente capitalista, em que o equivalente universal – o capital – continua a ser o único índice de liquidez axial quando todas as outras formas de valor desaparecem, é preciso tê-lo em conta, quanto mais não seja como imanente a todas as outras formas de valoração, por vezes até como anti-forma. Simmel

Isto acontece porque, mesmo quando os objectos se inscrevem e evoluem num determinado campo de forças sociais, um campo axial específico, com uma forma de valoração específica, o único índice de valor comum continua a ser o capital que indexa, queiram ou não esses campos, o valor de equivalência comum à generalidade dos seus objectos.

É preciso olhar de frente o que acontece, e com que contornos;

por exemplo, observar o modo como a sociedade compensa o contributo dos seus agentes e do seu trabalho – isto é trabalho de sociólogo, e aqui ele tem que detectar as inércias, as desigualdades, o *non-sense* nalgumas formas de valoração. Ele tem que descobrir porque é

que um chofer de camiões TIR ganha 1/10 de um chofer de aviões, ou 1/5 de um chofer de ministros.

Como é que a nossa sociedade nos diz o que é mais importante e o que é acessório. É assim?

Este panorama é um pouco geral. Por um lado, o caos axial, a dificuldade em encontrar uma referência estável com a pulverização das meta-narrativas, e não há uma que se sustenha de pé frente a este tipo de agentes.

A este estado, tem-se vindo a chamar crise – **crise de valores**.

Neste meu trabalho – independentemente do modo como a sociedade o avalia – o que quero tentar oferecer a quem me preste atenção é um modo de recortar e fazer aparecer as diferentes morfologias do valor, através da análise de discursos, actos, narrativas e experiências que suscitem o nosso interesse e possam ser constituídas como objecto de estudo. Não só descrevê-los ou cartografá-los, mas constituí-los como corpo significante – a fazer revelar sentido – para quem não os consegue ler dentro deste caos.

– O trabalho sobre os arquivos de filme e imagens em movimento

– Além de todas as problemáticas que ainda hoje o envolvem, fascinou-me um problema que implica a emergência da decisão ou juízo sobre os objectos, quando há que decidir o que se guarda e o que se deita fora; um momento em que um sujeito decide sobre a vida ou morte dos objectos. Por vezes, este juízo é exercido directamente sobre sujeitos – outros sujeitos.

Neste percurso encontrei ainda outro momento em que o sujeito homem tenta imitar a Deus, isto é quando cria algo. Também já reflecti e escrevi sobre isto, mas este momento não tem o peso dramático e axiológico do primeiro.

Na busca do modo como os homens decidem e ajuizam sobre os outros homens, objectos e experiências, acabamos necessariamente imersos na problemática dos valores. Os valores são, afinal, os quadros de referência que orientam essas decisões.

### **Como emerge o valor, hoje, na turbulência de critérios e circunstâncias**

Num viedograma que costumo mostrar aos meus alunos em *Sociologia da Comunicação*, James Burke acaba a sua exposição acerca das modificações que a imprensa trouxe ao Ocidente, perguntando: